

A parede poente, não atingindo o solo, permite-nos visualizar o Pavilhão de Portugal

car escondida por edifícios «altos». Acho, aliás, que o desenho de Calatrava (que neste caso, ao contrário do que é costume, não chega a construir um objecto coerente, fechado, auto-referido, mas se limita a criar um módulo — bastante complexo e interessante, mas apenas um módulo —, que depois repete e sequencia um pouco *ad nauseam*, sem princípio ou *terminus*) sai beneficiado desse «aperto» que os edifícios lhe fazem lateralmente, ocultando parte do seu desenvolvimento, introduzindo como que o suplemento de magia que a repetitiva cobertura não chegaria a ter. E gosto dos dois túneis cheios de arcos que a suportam e por onde passam os carros, gosto do ar cosmopolita e de «estação» que tudo adquire — à noite, ainda mais denso e enigmático —, tendo apenas pena que não existam hotéis por ali, cosmopolitas também — os «hotéis da gare», programa tão europeu —, esplanadas e óptimos cafés.

Recentemente, chegou outro edifício ao convívio daquele conjunto, concorrendo para uma maior complexidade urbana. É uma grande sede empresarial, cujo projecto, resultante de um concurso por convites muito participado, foi ganho por Alexandre Burmester e José Carlos Gonçalves (AB + JCG), em 1999.

Este novo objecto posiciona-se sobre um enorme lote, quase quadrado, na ilharga sul da praça, entre a Avenida dos Oceanos, frente ao Pavilhão de Portugal, e a Avenida D. João II, atrás, ganhando «altura» na metade mais recuada, conforme previsto no plano para a zona, que propõe um esbatimento do impacto volumétrico das construções em função da sua proximidade ao rio.

AB + JCG criaram uma es-

pécie de «cidade calma». O edifício, depois de resolver as zonas de área mais significativa em subsolo (tirando partido do desnível entre as duas avenidas paralelas e recorrendo a simpaticíssimos pátios para iluminação desses espaços), distribuiu os «open-spaces» de escritório por dois corpos compridos de nove pisos, orientados nascente-poente e ocupando as margens do terreno. Uma parede em betão, à qual interiormente se vem colar um complexo sistema de rampas/saídas de emergência, une as duas alas, a poente, cercando o interior. Uma improvável «ponte» com dois pisos de altura (a altura das enormes vigas que misteriosamente a sustêm) cruza o ar, à frente, faceando o rio e sobrevoando o nosso olhar entre o 6º e o 8º pisos, por cima da pala de Siza Vieira, num andamento que, fechando o quadrilátero a nascente — por o fazer no alto —, simultaneamente nos emociona e perturba.

Temos assim um quadrado forte envolvendo o centro do lote, construindo um enorme pátio de sossego para onde espriam circulações e salas de trabalho. Mas nem o grande paredão nem muito menos a «ponte» em frente nos impedem a vista sobre a água ou o resto da cidade: antes a enquadram, significando-a através da geometria.

A parede poente, não atingindo o solo, permite-nos, à cota da avenida, visualizar o Pavilhão de Portugal de um modo muito mais expressivo e intencional que aquele que nos era dado quando apenas um parque de estacionamento ocupava o local; depois, a grande janela, através da qual, de baixo, só vemos a extravagante passagem das rampas de emergência, como um cruzado atar de fitas que apertassem um gigantesco espartilho, possibilita-nos, ao passarmos pela gare, a rápida e fugaz vista da água: promessa emoldurada.

No interior, sentimos a «ponte» a fechar os enquadramentos de céu, balizando o pátio com a horizontalidade daquele fecho, àquela altura, enorme boca de cena ao ar livre mostrando a cidade. [Planos e volumes úteis que, ao

Adequação

Um novo edifício como uma «cidade calma» no Parque das Nações **TEXTO DE MANUEL GRAÇA DIAS**

Não sou o que se possa chamar um grande fã da zona da Expo, em Lisboa. Considero o esquema-base que serviu a exposição e hoje dá corpo a um bocadinho novo da cidade uma grelha resultante de uma operação bastante pragmática e expedita, suficientemente aberta para poder vir a acolher situações arquitectónicas interessantes, como o Pavilhão de Portugal, mas ao mesmo tempo relativamente pouco «ousada» para as promover espontaneamente, independentemente dos autores envolvidos. I.e: com arquitectura banal, a geografia de ruas, praças,

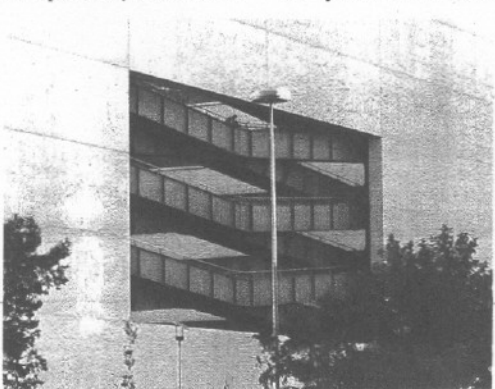
passaios e jardins não resiste bem. E, do meu ponto de vista, a grande maioria dos projectos aparecidos no pós-Expo são muito pouco estimulantes.

Mas, nestas coisas de cidades novas, não convém projectarmos grandes ansiedades, sob o risco de não darmos à história a envolveria com que gosta de fazer esbater as dobras de tempo de que se alimenta.

Há, no entanto, um bocadinho de espaço público que me alegro quando por lá passo, que me enche de esperança nas possibilidades da zona: é a praça da Gare do Oriente, semi-interiorizada entre a esta-

ção e o centro comercial, larga, sobrevoada pela ponte de peões, cheia de carros, pessoas, luzes, proporção certa.

Nunca fui muito sensível aos argumentos dos que achavam que a estação estaria a fi-



FOTOGRAFIAS DE SIZA BURMESTER

mesmo tempo que reservam o espaço dentro, promovem o olhar inteligente.]

É notável o modo como os arquitectos hierarquizaram e distribuíram as massas, conseguindo prolongar, em simultâneo, a partir de um programa terciário relativamente corrente, o rendimento plástico da obra pousada em frente, sem para isso necessitarem de recorrer a nenhum mimetismo vocábular ou enfático apagamento.

Com o seu edifício cons-

Com o seu edifício constroem a cidade, porque a cidade é isto: a soma de sentidos

troem a cidade, porque a cidade é isto: a soma de sentidos úteis que chegam de todos os lados, cada qual referindo-se ao que de mais importante foi sendo eleito, concorrendo para a escrita da complexidade de um organismo cuja maior sedução será a constante imprevisibilidade com que nos acolhe.

Por dentro, os espaços de trabalho vão-nos surpreendendo pelo modo como recebem

e rebatem a luz (através de pátios «à inglesa», junto às laterais, ou de pátios mais abertos, no meio, todos paisagisticamente diferenciados, num trabalho muito subtil e moderno de João Gomes da Silva), através da refração dos espelhos de água ou do sombreado da agitação dos bambus, ou, ainda, através das janelas corridas voltadas às ruas, conforme os corpos vão subindo.

Nessas janelas surgem estores metálicos articulados que, possibilitando o controlo pelo interior, vão modelando texturas variadas e complexas na pele voltada à cidade. Esta textura «móvel» é depois aproximada por outra mais estável, preenchendo o resto das paredes uma série de bocados de paralelepípedo em chapa lacada, construindo uma espécie de «casa dos bicos» que o accidental da gestão angulosa do movimento dos estores/portadas altera constantemente, compondo um quadro de enorme dinamismo. [Pequena concessão cinético-decorativa, então, este jogo é sobretudo surpreendente à noite, e ao longe, quando não sabemos a que atribuir tão variado desassossego das superfícies.]



O novo conjunto, visto do rio

Visitei o edifício com Alexandre Burmester ao lado, guiando-me. Pude-me certificar da justeza das várias opções, do sucesso espacial da disposição volumétrica, da cuidada pormenorização, da beleza dos pátios, dos enquadramentos, das relações visuais, da força das rampas cruzadas. Mas também da confusa ocupação que, para desgosto dos autores, se vem agora impondo por cima da estrutura inicial tão generosamente oferecida: «design» avulso, cores «alegres» e formas curvas descon-

exas povoam os sóbrios espaços de trabalho inicialmente fornecidos; lambris de pedra e sancas sobre o que deveriam ser belos corredores em betão, atravancados com inúteis cómodas neoclássicas, vão representando o que a nossa classe empresarial, hoje (da mais ousada à mais conservadora), aspira para as suas instalações: esta ideia da necessidade da «decoração» que deveria vir, por cima, igualizar as propostas mais intensas da arquitectura.

É pena, a «cidade do interior» não registar a mesma for-

ça que aquela que se ergue cá fora; é pena sentirmos estas contradições, esta *desadequação*: a arquitectura moderna a ser preterida, escondida, recusada, mesmo por aqueles mais dinâmicos no seu próprio campo.

Sede da Telecel/Vodafone

Parque das Nações, Lisboa

Arquitectos Alexandre Burmester

e José Carlos Gonçalves,

com João Gomes da Silva

(paisagismo)

1990-2002